

Jocimar Daolio

Professor Titular da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Endereço institucional: Avenida Érico Veríssimo, 701, Cidade Universitária Zeferino Vaz, Barão Geraldo - CEP 13.083-851, Campinas, SP.

Telefone institucional: (19) 3521-6618

CONSEQUÊNCIAS DO CONCEITO DE CULTURA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Este trabalho discute quatro eixos que decorreram do fato de a Educação Física Escolar ter incorporado a discussão cultural própria das ciências humanas e sociais a partir da década de 1980. São elas: (1) a ampliação da noção de corpo por parte da Educação Física, (2) a consideração dos conteúdos da Educação Física como construções históricas, (3) a consideração da aula de Educação Física como mediação simbólica e (4) a adoção de novos referenciais de pesquisa por parte da Educação Física oriundos das ciências humanas e sociais.

Palavras Chave: Educação Física; Educação Física Escolar; Ciências Humanas e Sociais.

CONSEQUENCES OF THE CULTURE CONCEPT TO SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

This research discusses four shaft which stems from the fact of the School Physical Education have incorporated a cultural discussion own of human and social sciences from decade 1980s. They are: (1) expanding the notion of the body from the Physical Education, (2) consideration of the contents of the Physical Education as historic buildings, (3) the consideration of the physical education class as symbolic mediation and (4) the adoption of new references research by the Physical Education originating from human and social sciences.

Keywords: Physical Education, School Physical Education, Human and Social Sciences.

CONSECUENCIAS DEL CONCEPTO DE CULTURA PARA LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

Este trabajo discute cuatro ejes que derivan de la incorporación, por parte de la Educación Física Escolar, de la discusión cultural propia de las ciencias humanas y sociales a partir de la década de 1980. Siendo estos: (1) la ampliación de la noción de cuerpo por parte de la Educación Física, (2) la consideración de los contenidos de Educación Física como construcciones históricas, (3) la consideración de la clase de Educación Física como mediación simbólica y (4) la adopción de nuevos referenciales de investigación por parte de la Educación Física oriundos de las ciencias humanas y sociales.

Palabras Clave: Educación Física; Educación Física Escolar; Ciencias Humanas y Sociales.

Já foi estudada por vários autores a importância da década de 1980 para a Educação Física Brasileira¹. Como se sabe, foi a partir deste período que houve grande aporte de conhecimentos oriundos das ciências humanas e sociais para a área, conhecimentos esses que propiciaram novas concepções de área e ampliação do escopo teórico que dá suporte para a Educação Física, tornando-a, inclusive, referência para estudiosos de outros países. Na verdade, esse processo não se deu de forma abrupta nem pontual, constituindo-se em um processo reflexivo que se iniciou em meados da década de 1980 e ainda continua até hoje, convivendo com outras visões de área, antigas, novas ou renovadas².

Essa influência das ciências humanas e sociais foi motivada por vários fatores, dentre os quais podem ser citados a re-democratização do país e a abertura política, a criação de cursos de pós-graduação, nível de mestrado, em Educação Física, a necessidade de titulação por parte de docentes de faculdades e a busca por vagas em programas de pós-graduação de outras áreas além da Educação Física, como a Educação, a Filosofia, a Psicologia e outras. Foi a partir desse período e com o esforço intelectual de muitos estudiosos da área que novos referenciais puderam ser trazidos para a Educação Física, gerando novas correntes teóricas ou abordagens.

Sem entrar na análise das várias influências teóricas que adentraram a Educação Física e a influenciaram sobremaneira até os dias de hoje, podemos dizer que o conceito de cultura foi determinante nessa influência, uma vez que as várias vertentes das ciências humanas e sociais têm esse conceito como fundante. Ou seja, o conceito de cultura é intrínseco ao projeto das ciências humanas e sociais, que se estruturaram a partir de fins do século XVIII (LAPLANTINE, 1988). De fato, só pode existir uma ciência humana e/ou da sociedade se o ser humano for entendido para além de uma entidade natural regida por determinações biológicas. O projeto das ciências humanas e sociais pressupõe assumir que o ser humano, ao longo de sua longa evolução, substituiu instintos naturais pela cultura (GEERTZ, 1989), ampliando sua capacidade de atuação no mundo. Os hominídeos, no seu desenvolvimento de milhões de anos rumo ao *homo sapiens*, foram conseguindo ampliar sua atuação no ambiente com soluções culturais, enfrentando e vencendo adversidades do meio e lutando contra

¹ Dentre as várias obras que objetivaram analisar esse importante período para a Educação Física brasileira, pode-se citar Oliveira (1994), Daolio (1998) e Caparroz (2007).

² Não pretendemos neste trabalho analisar a área de Educação Física como um todo, mas a sub-área escolar, ainda que algumas relações possam ser feitas com outras sub-áreas. Nesse sentido quando o texto se referir à Educação Física, entenda-se sempre Educação Física Escolar.

animais maiores, mais fortes e velozes que ele, demonstrando que o desenvolvimento cultural – indissociado do desenvolvimento biológico – foi determinante para esse processo.

Durante alguns séculos o ser humano foi enquadrado no escopo teórico das chamadas ciências naturais. O mesmo referencial teórico utilizado para estudar os fenômenos da natureza foi utilizado para a análise do ser humano, como se ele fosse um mero representante daquela, com comportamentos previsíveis a partir de seu funcionamento orgânico. Seu corpo era visto como uma máquina biológica que funcionava sempre do mesmo jeito; sua mente era entendida como um local onde ocorriam processos neuronais regidos pela química ou pela neurofisiologia. Nesse momento era impossível uma ciência verdadeiramente humana que tomasse o ser humano como um ser com subjetividade, com inteligência, responsável pela construção de seu destino, influenciado pelo contexto social em que vivia, com livre arbítrio para a transformação, capaz de confrontar os determinismos biológicos de seu corpo, inventor de novas formas de vida.

A partir de fins do século XVIII e sobretudo ao longo do século XIX, juntamente com o desenvolvimento das ciências da natureza, passa a ocorrer um processo que inverte a direção das análises, colocando o ser humano no centro do processo. Sem negar suas características naturais, este ser humano passa a ser analisado também como sujeito social. É nesse contexto que surge uma Sociologia, um pouco depois uma Antropologia; é nesse contexto que a Psicologia passa a considerar não somente os processos internos à mente humana e considera também a influência do meio social no comportamento individual; enfim, está surgindo nessa época uma ciência do Homem, que o analisa e o considera como sujeito construtor de sua cultura. A sociedade aqui não é mais um mero *locus* onde o ser humano vive, mas algo mutante, dinâmico, influenciadora e influenciada pelas ações humanas.

É por isso que o conceito de cultura é fundante para as ciências humanas e sociais, porque toma o Homem – com agá maiúsculo – como digno de análises e interpretações que vão além daquelas de natureza física, como um ser de cultura, não havendo condições de imaginar um ser humano sem cultura. Ainda que as ciências da natureza continuem existindo e continuem importantes para a humanidade, não é possível considerar e analisar o ser humano somente a partir de seu escopo teórico, sob risco de reduzir a vida humana a uma série de determinantes físicos, químicos ou fisiológicos.

Clifford Geertz critica a visão de natureza humana dividida em estratos ou níveis, chamada por ele de concepção estratigráfica, justamente porque nessa concepção o ser humano é visto como fragmentado em camadas, mesmo que se considere que existem nele várias dimensões, mas estas não se relacionam entre si e não são consideradas em sua análise.

O autor propõe uma visão sintética de natureza a partir da qual as variáveis biológicas, psicológicas, sociais e culturais presentes no ser humano seriam vistas como variáveis num sistema unitário de análise. A intenção do autor, ao mesmo tempo em que critica visões fragmentadas de ser humano que advogam as causas de comportamentos humanos em disciplinas estanques, defende visões mais integradas, que sejam capazes de buscar explicações a partir da relação das várias disciplinas científicas (GEERTZ, 1989).

De maneira geral, foi esse debate das ciências humanas e sociais que adentrou – e enriqueceu – a Educação Física a partir da década de 1980 do século passado, retirando a área da exclusividade das explicações naturalistas. Evidentemente vários autores da Educação Física se apropriaram de referenciais distintos das várias abordagens das ciências humanas e sociais e fizeram relações importantes com a Educação Física, mas todos, de forma mais ou menos implícita, consideraram o conceito de cultura como determinante para esse projeto. Aqui devem ser lembradas duas obras importantes da área, que inauguraram esse debate, ambas, por coincidência, publicadas em 1983: “O que é educação física?”, de Vitor Marinho de Oliveira, e “A educação física cuida do corpo e...’mente””, de João Paulo Medina. Em ambas o discurso era a partir da perspectiva das ciências humanas, considerando o ser humano inserido num determinado contexto social e a área de Educação Física como ancorada no plano da cultura.

Foi a partir dessas assertivas que afirmei em outro momento que Cultura é o principal conceito e a principal categoria para a Educação Física, porque as manifestações corporais humanas são engendradas na dinâmica cultural, expressando-se de formas variadas e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos.

O profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela educação física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza (DAOLIO, 2004, p.2-3).

O referencial teórico que utilizei em meus estudos e produções anteriores, e que utilizarei nas reflexões abaixo, pauta-se principalmente por autores oriundos da Antropologia Social. Sem querer advogar a exclusividade das definições de cultura desses autores para a

Educação Física, penso que a contribuição da Antropologia Social para a Educação Física foi – e é ainda – importante, ampliando os referenciais teóricos da área e abrindo novas perspectivas para pesquisa e intervenção (DAOLIO, 2001; MAGNANI, 2001).

A partir de estudos dessa área, e sintetizando vários autores, pode-se definir cultura como um processo pelo qual os seres humanos dão sentido às suas ações, por meio de manipulações simbólicas próprias da atividade humana. Nesse sentido é um processo tanto privado quanto público, singular e plural, objetivo e subjetivo, universal e local. Qualquer ação humana está imersa no plano da cultura, impregnada por sentidos e significados – conscientes ou inconscientes – dados a essa ação pelos sujeitos. Embora haja inegavelmente no comportamento humano variáveis biológicas ou psicológicas, elas estão relacionadas com os sentidos dados a essas ações, sentidos esses que são engendrados no plano simbólico da cultura. Assim, por exemplo, sentir e saciar a fome ou a sede não se resume a uma ação ao nível orgânico, já que há uma construção que dá sentidos diferentes à sensação de fome, fazendo o indivíduo preferir certos alimentos a outros, comer em certos horários ou em outros, preparar o alimento de formas específicas, alimentar-se na companhia de certas pessoas ou outras, posicionar-se corporalmente à mesa de certas maneiras. Além disso, há toda uma discussão política e social em relação à fome humana. Explicá-la somente no plano fisiológico ou bioquímico não contempla todo o comportamento humano relacionado à fome.

Da mesma forma, o suor ou a lágrima não podem ser explicados somente no plano bioquímico das secreções humanas, dados os motivos e os contextos em que essas secreções corporais são realizadas. Uma lágrima de tristeza é bem diferente de uma lágrima de alegria, da mesma forma que o suor motivado pelo trabalho é distinto do suor motivado pelo prazer, embora ao nível bioquímico não se diferenciem. A Educação Física, como já afirmado, durante muitos anos, tomou como exclusivas as explicações biológicas das ações humanas, desconsiderando ou secundarizando as influências socioculturais.

É a partir de um conceito de cultura que leve em conta os sentidos e significados empreendidos pelos seres humanos em todas as suas ações que passo a discutir a seguir quatro eixos ou frentes de ação que decorreram do fato da Educação Física ter incorporado a discussão cultural própria das ciências humanas e sociais, enriquecendo-a sobremaneira e abrindo novas perspectivas de estudo. São elas: (1) a ampliação da noção de corpo por parte da Educação Física, (2) a consideração dos conteúdos da Educação Física como construções históricas humanas, (3) a consideração da aula de Educação Física como mediação simbólica e (4) a consideração de novos referenciais de pesquisa oriundos das ciências humanas e sociais. Esses quatro eixos são decorrentes da influência das ciências humanas e sociais que

perpassou a Educação Física a partir da década de 1980 e seriam ignorados ou sequer pensadas antes dessa discussão, como bem mostra os currículos dos cursos de graduação da área antes desse período. Os profissionais formados antes da influência das ciências humanas e sociais na Educação Física não puderam ter acesso a esse aporte teórico em sua formação inicial.

1. A ampliação da noção de corpo por parte da Educação Física

Durante muitos anos as definições de Corpo utilizadas ou afirmadas pela área de Educação Física foram reféns de referenciais teóricos das ciências naturais, como a Biologia, a Fisiologia, a Física, a Medicina, sugerindo que o corpo para a Educação Física era apenas um conjunto de músculos, ossos, articulações e nervos, organizados em sistemas fisiológicos. Em outras palavras, era apenas o *locus* de aplicação de uma ação de intervenção da área. O corpo historicamente foi considerado pela Educação Física apenas como um patrimônio biológico humano e as explicações para as intervenções pautavam-se pelo benefício causado no plano físico-biológico. Nesse sentido era um corpo não só biológico mas também utilitário, como se ele fosse a porta de entrada da saúde individual.

É inegável a dimensão biológica humana, fruto da evolução da espécie até os dias atuais. É inegável também a transformação ocorrida no plano físico, sobretudo no sistema nervoso, desde os primeiros hominídeos até o *homo sapiens*. Porém, essa evolução no plano biológico não consegue explicar ou justificar todas as ações humanas, uma vez que o corpo humano é também e simultaneamente natureza e cultura. O mesmo corpo biológico, muito semelhante em todos os seres humanos do mundo, apresenta-se de formas absolutamente variáveis em cada contexto e em cada momento histórico. Afirmar que o corpo humano possui universalmente um certo número de ossos ou músculos não ajuda a definir as características desse ser humano, porque o uso que cada sociedade faz do mesmo corpo biológico é diferente.

Um trabalho clássico das Ciências Humanas e Sociais que tem contribuído para a compreensão do corpo no âmbito da cultura é o texto “As Técnicas Corporais”, de Marcel Mauss, produzido na década de 1930. Esse texto é importante porque propõe que o corpo seja pensado no âmbito das técnicas humanas, uma vez que possui tradição e eficácia simbólica. A partir de exemplos de ações corporais que ele mesmo vivenciou, ou de relatos de hábitos corporais de tribos espalhadas pelo mundo, Marcel Mauss definiu técnicas corporais como as maneiras como os seres humanos fazem uso do seu corpo, dependendo do contexto em que

vivem. Além disso, chegou a propor uma classificação das técnicas corporais em função do sexo, idade, atividade, usos específicos do corpo etc. Afirmou ainda que a dimensão fisiológica compõe uma totalidade juntamente com as dimensões social e psicológica e que essas estão sempre interligadas. Ou seja, já na década de 1930, Marcel Mauss defendia a necessidade de uma visão integrada sobre o ser humano e seu corpo (MAUSS, 2003).

O trabalho de Mauss tem sido utilizado pela Educação Física para contrapor a ênfase da visão mecânica nas explicações das ações corporais, uma vez que o autor defende a eficácia simbólica da técnica corporal, ampliando a noção de eficiência dos movimentos humanos. O uso histórico que a Educação Física fez do conceito de técnica de fato reduziu a amplitude do termo para a dimensão eficiente. Nesse sentido, quando se afirmava na Educação Física sua função de ensino de determinada técnica esportiva, ou da dança, ou da ginástica, por exemplo, quase sempre estava se referindo a um uso mais eficiente ou mais econômico do movimento, desconsiderando formas utilizadas tradicionalmente em várias sociedades, que podem ou não ser eficientes, mas que possuem eficácia simbólica, ou seja, atendem a demandas socioculturais da sociedade em questão. Assim, não há uma forma melhor ou universal de realizar determinada ação corporal; há formas encontradas por grupos específicos em épocas determinadas para realizar essas ações que fazem sentido naquele contexto e talvez não em outro. Essa constatação ajuda a interpretar e compreender as formas corporais humanas, os usos e cuidados com o corpo, as noções de higiene corporal, as intervenções sobre o corpo, as formas de praticar esportes ou danças ou lutas, enfim as apropriações absolutamente contextuais e circunstanciais do corpo.

Essa compreensão sociocultural do corpo por parte da Educação Física, que foi possível a partir dos aportes teóricos das ciências humanas e sociais, tem colocado a área em diálogo com outras disciplinas acadêmicas ou escolares. Se o corpo for considerado apenas na sua dimensão física, corre-se o risco de reduzir a discussão ao plano do seu uso mecânico ou dos benefícios orgânicos da atividade física. Porém a partir de uma concepção sociocultural de corpo, é possível pensar numa linguagem corporal, na comunicação humana por meio dos gestos, na expressividade corporal, uma vez que o corpo possui uma carga simbólica que é atributo da dimensão cultural humana.

Para a Educação Física – e não só para ela –, a discussão corporal a partir de aportes teóricos socioculturais abriu um leque de possibilidades de estudo e investigação amplo e diverso, que pode ser constatado pelas inúmeras pesquisas na Educação Física e em outras áreas que abordam a temática corporal a partir da cultura. Essas pesquisas tentam compreender atualmente a diversidade de usos do corpo, não só em povos tradicionais, mas

em grupos contemporâneos que têm no corpo o local principal para demarcar certos valores, concepções de mundo, crenças religiosas, opções sexuais, gostos etc.

2. A consideração dos conteúdos da Educação Física como construções históricas humanas

Tendo o conceito de cultura na centralidade das discussões específicas da Educação Física, seus conteúdos também adquirem outra conotação, muito além de meras atividades realizadas em aulas de Educação Física apenas com o objetivo de gerar ou manter a saúde do indivíduo. Se a cultura, como vimos, é uma construção humana engendrada durante milênios, os conteúdos da Educação Física escolar compõem esse patrimônio cultural humano. Aliás, o conceito de escola só tem sentido no plano da cultura, uma vez que essa instituição – recente na história – tem por finalidade a preparação do indivíduo para melhor viver em sociedade, não no sentido utilitarista, mas no sentido de propiciar aos alunos o acesso ao mundo público. A instituição escolar, de acordo com Carvalho (1996) deve conservar e transmitir os conteúdos culturais de uma civilização ou nação, fazendo a passagem do aluno do mundo privado (família) ao mundo público (política/cidadania). Ou seja, só tem sentido a escola se for para esse trato de conteúdos construído historicamente pelos seres humanos nos vários campos do conhecimento.

A Educação Física, como componente escolar definido por lei, também deve tratar de um conhecimento específico, almejando os objetivos maiores da instituição escolar. Embora isso pareça evidente, não foi sempre assim. As atribuições delegadas para a Educação Física escolar na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971 a definiam como atividade e não como disciplina escolar. A partir da LDB de 1996, tendo por base a discussão acumulada pela área, foi possível estabelecer que a Educação Física Escolar tinha um conhecimento específico a ser ensinado aos alunos e o trato metodológico deste conhecimento não se restringia ao fazer prático descontextualizado de reflexão. O importante a frisar aqui é que a transformação que ainda está em curso não foi simples consequência da nova lei, mas que esta foi influenciada pela discussão acadêmica que se iniciou a partir dos anos 1980, tendo incorporado parte dessas reflexões.

Já no início dos anos 1990 dois trabalhos pioneiros merecem destaque por começarem a sistematizar a discussão dos conteúdos a serem tratados pela Educação Física no plano da

cultura. O primeiro é fruto de um Coletivo de Autores³ que, ampliando e aprofundando o trabalho realizado pela Secretaria de Educação de Pernambuco, produziu o livro “Metodologia do Ensino de Educação Física”, definindo o objetivo da Educação Física Escolar a partir do que foi denominado pelos autores como “cultura corporal.

Na perspectiva da reflexão sobre a cultura corporal, a dinâmica curricular, no âmbito da Educação Física, tem características bem diferenciadas das da tendência anterior [o desenvolvimento da aptidão física]. Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da histórica, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.38)

Outro trabalho também importante para a definição e sistematização de conteúdos culturais para a Educação Física foi o trabalho de Mauro Betti, publicado no mesmo ano e que definia o objetivo da área como

[...] integrar e introduzir o aluno de 1º e 2º graus no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (o jogo, o esporte, a dança, a ginástica...) (BETTI, 1992, p.285).

Com o aprofundamento de estudos e pesquisas nesse campo, foi possível desenvolver certo consenso de que a Educação Física escolar trata de conteúdos culturais ligados ao corpo e ao movimento humanos, ou seja, abarca um patrimônio cultural vinculado às vivências e conceitos relacionados às práticas corporais, sintetizadas no jogo, ginástica, dança, luta e esporte. Alguns autores ampliam esses conteúdos para as atividades circenses, mímica, malabarismos e outras formas construídas pelos seres humanos, mas, de maneira geral, há certo acordo em relação aos conteúdos específicos da Educação Física.

Esse conjunto de atividades corporais culturais tem sido definido pela Educação Física por cultura corporal, ou cultura de movimento, ou ainda, cultura corporal de movimento, expressões que ficaram comuns na área e também abrem perspectivas de diálogo com outras

³ Este coletivo foi composto por Carmen Lucia Soares, Celi Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Michele Ortega Escolar e Valter Bracht.

áreas do conhecimento, uma vez que cada disciplina escolar trata pedagogicamente de uma parte da cultura acumulada pela humanidade. Não interessa neste momento especificar a expressão que cada autor utiliza, nem a filiação teórica, assunto que nos desviaria do objetivo desse texto. O importante aqui é enfatizar que há certo acordo – e isso foi um importante avanço na área – em relação à especificidade do conteúdo da Educação Física escolar. Assim, não se ensina jogo apenas porque é um tema que diverte os alunos, ou ginástica porque traz benefícios ao corpo, ou esporte porque os alunos são influenciados pela mídia. Ensina-se jogo, ginástica ou esporte nas aulas de Educação Física, sobretudo porque esses temas se constituem em construções históricas humanas e devem ser preservados, transmitidos, criticados, ressignificados e reconstruídos pela instituição escolar (GONZÁLEZ & FENSTERSEIFER, 2010).

A consideração dos conteúdos específicos da Educação Física Escolar como construções culturais ratifica o papel desta disciplina como componente curricular obrigatório nas instituições escolares do país, colocando-a em diálogo com outras disciplinas e em sintonia com os objetivos escolares.

3. A consideração da aula de Educação Física como mediação simbólica

O aporte de conhecimentos das ciências humanas e sociais na área de Educação Física trouxe também importantes reflexões para a concepção de aula. Se os conteúdos tematizados pela Educação Física, como vimos, constituem-se em conhecimentos acumulados pela humanidade sobre as questões relativas ao corpo e ao movimento humanos, compondo a chamada cultura corporal de movimento, a aula de Educação Física deve tratar de temas culturais, temas esses que possuem historicidade. Embora essa constatação possa parecer óbvia, e talvez seja evidente há mais tempo para outras disciplinas escolares, na Educação Física sabemos que a tradição da área foi a de um “fazer prático”, um “exercitar-se para”, descontextualizado de historicidade e de reflexão teórica. As aulas de Educação Física durante muito tempo constituíram-se em atividades práticas, sem conexão com a história dos próprios conteúdos, com objetivos voltados para o exercício de um corpo visto como apenas físico. A teorização, quando havia, era pautada em explicações fisiológicas visando ao melhor desempenho físico e/ou esportivo.

A partir da vinculação da Educação Física com os objetivos da instituição escolar e a partir do reconhecimento que esta disciplina trata de conhecimentos relativos às

manifestações culturais humanas relacionadas ao corpo e ao movimento humano, a aula em si adquire o sentido de mediação simbólica.

Como vimos, a cultura humana é um processo pelo qual os seres humanos dão sentido às suas ações por meio de manipulações simbólicas. Isso quer dizer que todas as ações humanas, incluídas aí aquelas tematizadas pela Educação Física, são grávidas de sentidos e significados, que só podem ser explicados no plano simbólico da conduta humana. De fato, não conseguimos explicar ou compreender um jogo de voleibol, ou um jogo de capoeira, uma manifestação de dança, uma modalidade de luta etc., sem a compreensão de que são atividades culturais eminentemente simbólicas criadas pelos seres humanos e constantemente atualizadas de significados. Ora, os seres humanos não praticam modalidades de luta somente para a defesa pessoal, ou não fazem ginástica somente para deixar o corpo mais forte, mais resistente ou mais belo. Os seres humanos constantemente dão significado às suas ações corporais, ritualizando determinadas práticas, valorizando-as, despendendo parte de sua vida e investindo emoções nessas ações.

Podemos exemplificar essa questão considerando que certos animais conseguem repetir algumas ações esportivas humanas. Por exemplo, um macaco treinado consegue jogar uma bola numa cesta de forma sequencial, inclusive com índice de acerto maior que a maioria dos seres humanos, mas não estará praticando a modalidade esportiva basquetebol, porque não é capaz de dar a essa ação sentidos próprios desse esporte. Outro exemplo: no polo sobre cavalos, não são os animais que realizam o esporte, embora despendam grande esforço físico.

O que estamos querendo enfatizar é que as ações humanas são eminentemente culturais. Nesse sentido, numa aula de Educação Física o tempo todo se trabalha com essa mediação cultural essencialmente simbólica, com professores e alunos manipulando símbolos, criando ou recriando significados. Uma atividade proposta pelo professor de Educação Física numa determinada aula não se restringe a uma ação física a ser realizada pelos alunos. Muito mais que isso, esta atividade, como manifestação cultural, adquire sentidos variados para os alunos, em função de suas experiências corporais, sua história de vida, suas vinculações com o mundo, suas formulações cognitivas, seus desejos e intencionalidades etc., e essas apropriações que os alunos fazem devem ser cotejadas com os sentidos da cultura esportiva, da cultura lúdica, da cultura gímnica, da cultura da dança e das lutas. Esse processo, presente em todas as aulas, é dinâmico, variado e essencialmente simbólico.

Portanto, uma aula de Educação Física não se restringe ao plano biofísico ou muscular, como mero ensino de uma ação motora ao corpo físico do aluno, mas deve ser entendida a partir da complexidade das relações humanas como mediação cultural,

essencialmente simbólica. Dessa forma, o que ocorre em aula constitui-se em elaboração e circulação de sentidos em relação aos temas de conteúdo da Educação Física, que compõem a chamada cultura corporal de movimento (SCARAZZATTO, 2013). Por isso não existem duas aulas iguais, nem para os alunos nem para o professor.

4. A consideração de novos referenciais de pesquisa

Outra consequência do aporte de conhecimentos das ciências humanas e sociais na Educação Física a partir da década de 1980 foi a apropriação por parte desta de procedimentos e métodos de pesquisa oriundos daquelas áreas, o que permitiu importante desenvolvimento de investigações científicas nos últimos anos. Se antes disso as pesquisas na Educação Física quase majoritariamente se resumiam em mensurações no plano biológico ou avaliações físicas ou antropométricas ou, no máximo, enquetes para se analisar motivação ou atitude de alunos etc., com as reflexões das ciências humanas e sociais foi possível analisar cientificamente outras dimensões ou aspectos do comportamento humano até então desconsiderados nas ações próprias da Educação Física.

A característica principal das pesquisas científicas nas ciências humanas e sociais é seu enfoque interpretativo, pressupondo que os seres humanos possuem subjetividade e estão sempre imersos em contextos culturais particulares que influenciam suas ações e os significados que impingem às suas ações. Como vimos, se é possível abordar os seres humanos como entidades naturais e explicá-los a partir das ciências naturais, isso não basta para a compreensão das ações humanas e é isso que justifica a abordagem das ciências humanas e sociais, já que os seres humanos são seres de cultura. Se as pesquisas próprias das ciências naturais são mais preditivas e passíveis de alguma generalização, nas ciências humanas e sociais isso não é possível já que os contextos são variáveis. O estudo e compreensão de um determinado grupo num contexto sociocultural pode ser útil para a compreensão de outros grupos, mas as conclusões não podem ser generalizadas de forma direta.

Não se trata apenas de aplicar determinados questionários ou testes para confirmar ou refutar determinada hipótese, pressupondo o campo de pesquisa como imutável para a chamada coleta de dados. Nas pesquisas em ciências sociais ou humanas, em suas várias vertentes, de maneira geral há a tentativa de contato e aproximação com a realidade pesquisada, sabendo que esta nunca será plenamente apreendida pelo pesquisador. É nesse sentido que Clifford Geertz fala de uma leitura de segunda mão, já que somente os sujeitos

em seu cotidiano seriam capazes da leitura de primeira mão. O objetivo é a tentativa de compreender o “outro”, numa relação intersubjetiva, uma vez que o pesquisador também é dotado de subjetividade.

Um exemplo deste tipo de pesquisa é a etnografia, método surgido no escopo de procedimentos da Antropologia no início do século XX e utilizada aqui como um exemplo de pesquisas oriundas das ciências humanas e sociais que penetraram o campo da Educação Física nos últimos anos. De acordo com Clifford Geertz (1989, p.31), há quatro características da etnografia: (1) ela é interpretativa, (2) o que ela interpreta é o fluxo do discurso social, (3) a interpretação realizada consiste em salvar o “dito” no discurso da possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis e (4) ela é microscópica. Segundo o autor, a etnografia tem por objetivo estabelecer uma hierarquia estratificada de estruturas significantes, na tentativa de compreender os sentidos e significados de determinadas ações humanas (1989, p.17).

Em outro trabalho, procuramos mostrar como a pesquisa etnográfica pode contribuir para a compreensão da problemática específica da Educação Física, indo além de uma mera descrição dos fatos – como o nome poderia sugerir –, concebendo o campo de pesquisa como fonte importante de dados para serem cotejados com a literatura.

Isso não significa entender o “campo” como fonte de verificação empírica - validando ou não supostas hipóteses -, mas como fonte de informação a partir da qual o diálogo com a literatura é construído. Isso porque a teoria não é “profética”, determinante do que será visto e/ou comprovado (OLIVEIRA & DAOLIO, 2007, p.141).

O importante a destacar aqui é que se a Educação Física pretende compreender o sujeito como um ser de cultura, que dota suas ações de novos significados por meio de manipulação de símbolos, os métodos de pesquisa que essa área deve adotar devem ir além das mensurações e avaliações no plano físico. Alguns exemplos podem ajudar a compreender essa dimensão de pesquisa. Para compreendermos os motivos que levam os jovens a atribuírem grande valor atualmente à dimensão estética do corpo, valor este que faz com que eles se vinculem às aulas de Educação Física de formas particulares e com interesses específicos, é imprescindível algum conhecimento de pesquisa em ciências humanas. Ou a forma como os jovens, alunos de Educação Física, lidam ou dão sentido à prática esportiva faz com que ajam de formas particulares nas aulas de Educação Física quando o conteúdo tratado é o esporte. Ou, ainda, a forma como meninos e meninas se relacionam com o

conteúdo dança nas aulas de Educação Física é fruto de significados atribuídos a esse fenômeno ao longo das suas vidas.

Um professor de Educação Física, ainda que não realize pesquisa propriamente dita, necessita ler e compreender dados de pesquisas, dados esses que podem fazer com que suas aulas sejam melhor desenvolvidas, alcançando os alunos de forma mais efetiva. Conhecer que as relações que os alunos mantêm com seu corpo e com os conteúdos tradicionais trabalhados pela Educação Física são influenciados pela dinâmica cultural e são frutos de construções socioculturais ajuda a melhor dimensionar a aula e estabelecer objetivos e estratégias mais adequadas.

Concluindo...

O objetivo deste texto foi o de apresentar algumas consequências, para a Educação Física, da incorporação do conceito de cultura a partir da década de 1980. Trabalhei com quatro delas, (1) a ampliação do conceito de corpo por parte da área, (2) a consideração dos conteúdos da Educação Física como construções históricas humanas, (3) a aula de Educação Física como mediação simbólica e (4) a adoção de novos referenciais de pesquisa. Obviamente podem ser apresentadas outras consequências não elencadas neste trabalho, fruto de outras perspectivas de análise. Também algumas das consequências apresentadas podem ser compreendidas de formas diferentes.

O que me parece fundamental é afirmar que a Educação Física sofreu profundas mudanças a partir da incorporação de referenciais das ciências humanas e sociais e essa mudança torna-se irreversível porque gerou uma série de decorrências nos currículos dos cursos de graduação, nas pesquisas desenvolvidas pela área, nas publicações decorrentes dessas pesquisas, nas aulas de Educação Física em escolas de ensino fundamental e médio e na própria concepção que os profissionais da área possuem hoje em dia sobre os objetivos da Educação Física e sua inserção na escola.

Referências

BETTI, Mauro. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê? **Revista**

Brasileira de Ciências do Esporte, Maringá, vol. 13, n.2, p.282-287, 1992.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola**. 3ed. Campinas, Autores Associados, 2007.

- CARVALHO, José Sérgio E. Algumas reflexões sobre o papel da escola de 2º grau. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, Suplemento 2, p.36-39, 1996.
- CARVALHO, Yara M. de; RUBIO, Katia (Orgs.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo, Hucitec, 2001.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo, Cortez, 1992.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980**. Campinas, Papirus, 1998.
- DAOLIO, Jocimar. A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro. In: CARVALHO, Yara M. de; RUBIO, Katia. **Educação física e ciências humanas**. São Paulo, Hucitec, 2001, p.27-38.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas, Autores Associados, 2004.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.
- GONZÁLEZ, Fernando J.; FENSTERSEIFER, Paulo E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**. Campinas, n. 2, 2010, p. 10-21.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Antropologia e educação física. In: CARVALHO, Yara M. de; RUBIO, Katia (Orgs.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo, Hucitec, 2001, p.17-26.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.
- MEDINA, João Paulo S. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**. Campinas, Papirus, 1983.
- OLIVEIRA, Vitor M. de. **O que é educação física**. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **Consenso e conflito da educação física brasileira**. Campinas, Papirus, 1994.
- OLIVEIRA, Rogério C. de; DAOLIO, Jocimar. Pesquisa etnográfica em educação física: uma (re)leitura possível. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, vol.15, n.1, p.137-143, 2007.
- SCARAZZATTO, Juliana. **Educação física e cultura corporal: sentidos em circulação e elaboração nas aulas de prática de ensino**. 2013. 154p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2013.